

Centro Regional de Documentação das Vertentes

A MULTIMÍDIA E A FOTOGRAFIA DIGITAL COMO ALIADAS DA CELULOSE!

* José Antônio de Ávila Sacramento

(Dedico este artigo ao insigne professor Oyama de Alencar Ramalho, mentor da criação do Centro Regional de Documentação das Vertentes-CRDV.)

Já chegamos à era da Multimídia. Se antes os supostos adversários eram **Computador** versus **Escritor**, hoje ainda há quem inexplicavelmente, de forma surpreendente, coloque em campos opostos **CD-ROM** versus **Livro**, como se um pretendesse eliminar o outro da face da terra. Livros tiveram, têm e vão continuar tendo importância indiscutível, fora de questionamentos; por isso os acervos devem ficar sob a guarda de seus proprietários, bem guardados e preservados, para um manuseio mínimo e cuidadoso. O papel é frágil ao tato, é propício aos incêndios, teme umidade e é excelente pasto para diversas pragas.

O que é um CD-ROM? Em simples palavras, são aqueles disquinhos mágicos, por fora iguais aos CD's de áudio, capazes de guardar lá dentro desde milhares de páginas de livros até sinfonias completas, vídeos, animações e fotografias. Não é à toa que os computadores já se tornaram, se assim podemos chamá-los, a "nova droga" dos ex-hippies, hoje yuppies.

Multimídia tinha uma característica interessante: o meio, por si só, não definia o produto. Esse parecia ser um problema. Onde noticiar um CD-ROM? No Caderno de Informática dos jornais? Mas e se for um software de alfabetização, entra na seção de Educação? Se for um CD sobre a Segunda Guerra, entra nas páginas de Internacional? A mesma coisa acontecia na venda. A Multimídia che-

gou no mercado com o ranço dos videogames. Daí a sua venda, até bem pouco tempo atrás, ficar restrita a lojas especializadas, onde o grosso do público comprador se interessava pelos sofisticadíssimos games de CD. O problema aparente é que nem sempre esse público coincidia com o público consumidor de Literatura. Fora das prateleiras das livrarias, CD's literários deixavam de colocar água na boca de seus consumidores potenciais. Deixavam. As livrarias já venceram a resistência inicial e estão com as portas abertas para a Multimídia. Já colocam em seus letreiros ou anunciam nas portas: "vendemos CD-ROM". As editoras nacionais já providenciaram títulos em português e traduções. Nem mesmo o mais tacanho dos livreiros está indiferente à nova tecnologia. Em sebos de São João d'El-Rey, com alguma sorte, já é possível adquirir bons CD-ROM's de segunda mão. A situação mudou, e como mudou!

Além de ocupar pouquíssimo espaço, o CD-ROM custa muitíssimo menos que uma obra tradicional de papel. É também mais econômico e prático do que a microfilmagem. Sendo assim a nova tecnologia já ganhou adeptos. Na Itália, por exemplo, temos a notícia que Humberto Eco, ainda em 1995, produziu uma Enciclopédia Multimídia sobre Cultura e Arte de 300 anos na Europa - um CD-ROM para cada século! Na literatura, as primeiras edições foram títulos do tipo "obras completas de fulano". No Brasil a Record foi uma das primeiras e lançou as obras completas de Jorge Amado.

Outra tecnologia de ponta - a de Digitalização das Imagens - somou-se à

Multimídia, possibilitando transferir imagens com alta definição, capturadas através de modernas câmeras fotográficas digitais, diretamente para os computadores; a partir deles e com facilidade, podem ser condensadas em CD-ROM's, com alta nitidez e propiciando facilidades na consulta. É também possível editar livros através deste método, dispensando o processo de impressão em gráficas, mais caro e lento. Uma obra de referência, se reeditada da forma tradicional, corre o risco de distorções do original; detalhes preciosos podem fugir aos dedos dos digitadores ou aos olhos de quem faz as correções. No processo digital as imagens são capturadas folha por folha, diretamente do original, trazendo-nos a certeza da confiabilidade.

Assim, valendo-me de um artigo de Rita Espescht, publicado no Suplemento Literário de dezembro de 1995, procurei explicar de forma rápida e direta a tecnologia multimídia e a forma de trabalho a ser adotada para o "Centro Regional de Documentação das Vertentes", entidade cultural implantada na noite de 08 de janeiro de 2002 e que tem a meta de manter um acervo histórico-documental desta região.

Como a invenção do Cinema criou os "cineastas", a Multimídia criou os "multimidastas" e a Fotografia Digital já deve ter criado os "fotodigidastas". Esses profissionais não serão, necessariamente, apenas os técnicos que operam as máquinas, assim como no cinema não são apenas as câmeras que fazem a qualidade do filme como um todo. Todos já estamos, de alguma forma, envolvidos com esses processos.